



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

VANDILSON BEZERRA DE LIMA

**PAULO FREIRE CRÍTICO DO PRECONCEITO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM**

**MONTEIRO
2018**

VANDILSON BEZERRA DE LIMA

**PAULO FREIRE CRÍTICO DO PRECONCEITO NO ENSINO-
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

Área de concentração: Linguística, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto.

**Monteiro
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732p Lima, Vandilson Bezerra de.
Paulo Freire crítico do preconceito no ensino-
aprendizagem [manuscrito] : / Vandilson Bezerra de Lima. -
2018.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Paulo Freire. 2. Processo ensino-aprendizagem . 3.
Preconceito na escola.

21. ed. CDD 370.115

VANDILSON BEZERRA DE LIMA

PAULO FREIRE CRÍTICO DO PRECONCEITO NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

Área de concentração: Linguística, Letras e Artes.

Aprovada em: 18/04/2018.

BANCA EXAMINADORA

Otacílio Gomes da Silva Neto

Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joana Dar'k Costa

Profª. Msc. Joana Dar'k Costa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUSTAVO E. CASTELLÓN A.

Prof. Esp. Gustavo Enrique Castellón Agudelo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a “Deus” por ter me dado coragem e sabedoria para concluir essa caminhada desde o vestibular até agora no término desse trabalho. Agradeço *in memoriam* à minha mãe: Josefa Bezerra de Lima, que sempre apoiou e me incentivou a estudar; agradeço também a minha irmã: Maria do Socorro de Lima Silva, que sempre me incentivou nos estudos.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto; aos professores que fizeram parte no processo de ensino-aprendizagem durante o curso que concluo agora.

Agradeço aos colegas de curso, aos colaboradores do CCHE, e por fim as pessoas que me incentivaram, elas foram a energia que faltava para eu erguer a cabeça e acreditar que era possível.

“A sociedade brasileira é uma sociedade muito autoritária. Tem sido assim durante muito tempo. O racismo é muito forte no Brasil. Dizer que não temos racismo no Brasil ou é ingenuidade, ou esperteza, mas não é realismo. Somos uma sociedade fortemente machista e não marxista. Para mim, racismo e machismo são expressões de autoritarismo também”.

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 Desenvolvimento.....	8
2.1 Problematização.....	8
2.2 Metodologia.....	8
2.3 Análise e discussão.....	9
2.3.1 Definição de preconceito.....	9
2.3.2 Causas do preconceito no ensino-aprendizagem.....	11
2.3.3 Superando os preconceitos e a opressão: as experiências de Paulo Freire e Ira Shor.....	16
3 CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

PAULO FREIRE CRÍTICO DO PRECONCEITO NO ENSINO-APRENDIZAGEM
VandilsonBezerra de Lima

RESUMO

O objetivo desse trabalho de pesquisa é o de investigar filosoficamente o conceito relacionado ao preconceito vinculado ao ensino-aprendizagem na concepção de Paulo Freire. Para atingir esse objetivo, partimos do conceito de preconceito baseados em pensadores da tradição como Voltaire (1978) e o “Dicionário de filosofia” de Japiassú e Marcondes (2001) como ponto de apoio para compreender o preconceito. Em seguida, fundamentados nas obras: “Medo e ousadia: o cotidiano do professor” de Freire e Shor (2011), enxertos da “Pedagogia do oprimido” (2011) e “A escola e o conhecimento” de Cortella (2008), buscamos compreender as causas do preconceito em sua conexão com a sociedade. Para finalizar, investigamos as consequências do preconceito no ensino-aprendizagem e as formas de superação dessa prática nefasta a partir das experiências de Freire e Shor (2011).

Palavras-chave: Paulo Freire. Preconceito. Ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

O preconceito e a discriminação têm sido um dos grandes entraves para a humanização do ensino-aprendizagem. Nas últimas décadas essa temática despertou o interesse entre educadores e profissionais da educação que defendem uma linha humanista. Eles almejam apontar as causas e elucidar consequências de atitudes preconceituosas no ambiente escolar. Geralmente, as causas não são apenas intraescolares, já que elas ultrapassam os muros da escola sendo, também, frutos da sociedade. Os seus efeitos são danosos e a resistência para com essas práticas ainda é motivo de discussão.

Nesse artigo temos como objetivo principal investigar a crítica de Paulo Freire a qualquer forma de preconceito e discriminação no ensino-aprendizagem. Lendo Paulo Freire percebemos um compromisso ético e político do educador que não permite nenhuma forma de desumanização no processo do ensino aprendizagem. Sua obra despertou-nos interesse, pois em nosso entendimento, ela lança luzes sobre o problema do preconceito.

Para abordar a temática, partimos do conceito de preconceito a partir de pensadores da tradição como Voltaire (1978) e da consulta a Dicionários de Filosofia como o de Japiassú e Marcondes (2001). Também nos apoiamos em outras fontes como revistas como “Carta Capital”, para ilustrar o preconceito como um grave problema brasileiro, por meio de casos concretos de vítimas da discriminação em nossa cambiante democracia.

Em seguida, investigamos as causas do preconceito a partir das ideias de Paulo Freire (2011) sem deixar de recorrer a dados estatísticos que comprovam o quanto o preconceito está inserido na escola. Sobre a escola, também recorremos a autores como Cortella (2008) no intuito de compreender como esse intelectual compreende o que ele refere como “pedagocídio” como resultado de entendimentos distorcidos das relações existentes entre a escola e a sociedade.

O nosso último tópico tratou da superação dos preconceitos a partir das experiências de Paulo Freire, algumas delas compartilhadas como Ira Shor (2011), na obra: “Medo e ousadia: o cotidiano do professor”. O nosso escopo é o de compreender que, além da elaboração de teorias sobre o preconceito, a prática e a experiência de educadores como Paulo Freire nos ajudam a entender e resistir à prática de preconceito e discriminações no ensino-aprendizagem.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Problematização

A nossa análise e discussão sobre a temática desse trabalho envolve uma série de circunstâncias nas quais deverão ser problematizadas ao longo da argumentação. Por exemplo: há preconceito no ensino-aprendizagem? Se há, de que forma aparece essa atitude na concepção de Paulo Freire? Qual é a origem do preconceito? Como defini-lo? Quais são as causas do preconceito para Freire no ensino-aprendizagem? Quem são os agentes do preconceito no ensino-aprendizagem para Freire? Quais são os efeitos do preconceito para Freire? Como superar o preconceito na ótica de Paulo Freire?

2.2 Metodologia

A nossa pesquisa foi feita no âmbito de uma abordagem filosófica. Assim, ela se desenvolveu por intermédio de uma pesquisa bibliográfica de tipo qualitativa e interpretativa visando a compreensão do preconceito no âmbito do ensino-aprendizagem na concepção de Paulo Freire. Utilizamos métodos de leitura, análises, fichamentos de textos, além de aprofundá-los em debates com o orientador. Como resultado, desenvolvemos a produção do texto.

2.3 Análise e discussão

2.3.1 Definição de preconceito

Paulo Freire não nos oferece uma definição conceitual de preconceito em se tratando do seu itinerário pedagógico. Cabe-nos investigar esse conceito a partir de pensadores da tradição e no “Dicionário de filosofia”. Por isso, nesse tópico, para analisarmos o conceito de preconceito recorreremos ao “Dicionário filosófico” (1752) de Voltaire (1978). Em seguida, compararemos a definição dada por Voltaire (1978) com a definição dada pelo “Dicionário de filosofia” de Japiassú e Marcondes (2011).

Em seu “Dicionário Filosófico”, Voltaire (1978), pensador francês do século XVIII, enfrentou a questão do preconceito. Para ele: “O preconceito é uma opinião desprovida de julgamento. Assim, em toda a terra, se incutem às crianças as opiniões que se quiser, antes delas poderem julgar” (VOLTAIRE, 1978, p. 268). Para Voltaire (1978) o preconceito diz respeito a opiniões que pessoas formam sobre outras, ou mesmo sobre determinadas situações, sem o devido cuidado. É uma espécie de julgamento baseado em impressões imprecisas, quando não, obscuras.

Como exemplo, Voltaire (1978) menciona a manipulação de determinadas crenças compartilhadas entre os adultos sobre as crianças, impedindo-as de formarem suas próprias opiniões. Podemos pensar também no julgamento que fazemos sobre os outros baseados no modo de se vestir, por exemplo. Uma pessoa branca bem vestida de terno e gravata (colarinho branco) é bem mais respeitada do que uma outra vestida de forma simples, de cor negra.

Para o “Dicionário de filosofia” de Japiassú e Marcondes (2001, p. 219), o preconceito é uma: “Opinião ou crença admitida sem ser discutida ou examinada, internalizada pelos indivíduos sem se darem conta disso, e influenciando seu modo de agir e de considerar as coisas”. Conforme Japiassú e Marcondes (2001), o preconceito

surge quando indivíduos acreditam em determinadas crenças de forma cega, sem possibilidade de reflexão ou exame daquilo que está sendo propagado. Não há possibilidade de crítica ou autocrítica nesse contexto. Falou está falado, ou melhor internalizado.

Por exemplo, quando um indivíduo A se aproxima de um indivíduo B para falar mal, gratuitamente, do indivíduo C, sabendo que o indivíduo B fez amizade com C. E o indivíduo B, acredita no que disse A. O preconceito é constituído com exemplos dessa natureza. Para Japiassú e Marcondes (2001, p. 219): “O preconceito é constituído assim por uma visão de mundo ingênua que se transmite culturalmente e reflete crenças, valores e interesses de uma sociedade ou grupo social”. Desse modo, o preconceito não acontece entre indivíduos A, B, ou C. Ele reflete opiniões infundadas, transmitidas e internalizadas entre agrupamentos sociais. Japiassú e Marcondes (2001) tem uma visão semelhante à de Voltaire (1978). O preconceito pode ser transmitido de geração a geração, dos pais para os seus filhos.

Em tempos antigos era propagado que nobres não podiam se misturar com plebeus. Hoje em dia, há nações em que o ódio religioso, racial ou de gênero é transmitido culturalmente. É assim que terreiros de candomblé têm sido alvo de depredação por fanáticos cristãos no Brasil. Até as populações indígenas, alvos e vítimas da violência colonizadora por séculos nas Américas, não são poupados nesses dias preconceituosos de hoje, como foi o caso recente que vitimou o professor Marcondes Namblá no sul do Brasil: “Racismo e intolerância são conceitos necessários para explicar como a violência ‘gratuita’ é distribuída em Santa Catarina. ‘Não é um caso isolado, a gente sabe que não é’, diz o cacique geral do povo Xokleng, TukunGrakan”¹.

Martin Luther King foi assassinado por defender a igualdade racial nos Estados Unidos. Mariele, mulher e defensora do movimento LGBT, ativista dos direitos humanos e civis, ela foi assassinada devido à sua luta em prol de uma sociedade mais humana. O ódio é uma forma de preconceito e vitimiza aqueles que ousam denunciá-lo:

Na noite do dia 14 de março, quando seu carro transitava pela rua Joaquim Palhares, no Estácio, Rio de Janeiro, Marielle foi abordada por um grupo de homens armados em outro veículo e levou quatro tiros na cabeça. Foram, no total, 13 tiros de pistola 9mm que também atingiram a cabeça de Anderson Pedro Gomes, seu motorista. Um dia depois, as ruas da capital fluminense e de outras grandes cidades brasileiras foram tomadas por milhares de pessoas que prometiam continuar as lutas da parlamentar, negra, lésbica e oriunda do

¹“Intolerância é a arma do assassinato do professor Marcondes Namblá”. Carta Capital, 10 de janeiro, 2018.

complexo de favelas da maré. Exigiam o fim da intervenção federal no Estado do Rio, o fim da guerra contra as drogas, travada nas favelas e periferias e que vitimizava milhares de jovens negros todos os anos, o fim do racismo e do machismo institucional².

Entendemos que o preconceito está em várias frentes e é parte espúria da história humana, do passado e do presente. Atualmente, o preconceito ainda é preponderante e se esconde em práticas racistas e machistas que envolvem praticamente todos os segmentos sociais e integram as atividades inseridas na: política, esporte, arte, emprego. Desse modo, nós nos perguntamos nos dias atuais: será que preconceitos como alguns desses citados chegam à escola? A educação está imune ao preconceito? O nosso próximo passo do trabalho será o de investigar essas questões a partir das ideias de Paulo Freire.

2.3.2 Causas do preconceito no ensino-aprendizagem

Para início de trabalho nesse tópico, queremos deixar claro que segundo Paulo Freire, o conceito de ensino-aprendizagem não se reduz à escola. Por exemplo, na obra: “Pedagogia da Esperança”, Freire (2011, p. 65) afirma que: “Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica reconhecer”. Com isso, não apenas a escola é espaço de ensino-aprendizagem, mas, sobretudo, a vida em sociedade, a vida humana. Mesmo porque a própria escola pode disseminar preconceitos e discriminações, ela pode ser agente de desumanização:

Uma pesquisa realizada em 2009 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) com 501 escolas públicas do país, apontou as formas de preconceito no ambiente escolar brasileiro. Das 18,5 mil das pessoas entrevistadas, entre alunos, educadores, funcionários e pais, 99,3% demonstram algum tipo de preconceito: étnico-racial, socioeconômico, de gênero, geração, orientação sexual ou territorial ou em relação a pessoas com algum tipo de necessidade especial. A discriminação relacionada aos portadores de deficiências especiais são as mais frequentes (96,5% dos entrevistados), seguido pelo preconceito étnico-racial (94,2%), de gênero (93,5%), de geração (91%), socioeconômico (87,5%), com relação à orientação sexual (87,3%) e 75,95% têm preconceito territorial³.

As estatísticas comprovam aquilo que é óbvio: o preconceito é um fato na escola. Podemos enxergá-lo e conviver com ele. Contudo, há que se pensar nas causas dele. Assim, podemos nos perguntar: a escola é geradora de preconceitos dentro de seu espaço? Nesse aspecto, Freire (2011, p. 51) em “Educação como prática da liberdade” é

²“Marielle Franco, um mês depois: muitas incógnitas, muita indignação e nenhum culpado”. El País, 13 de abril, 2018.

³“Preconceito na escola: Educador Luís Carlos de Menezes fala dos desafios para educadores, gestores e famílias”. Revista Pré-Univesp, Dezembro de 2016, Janeiro de 2017.

enfático ao afirmar que: “NÃO HÁ EDUCAÇÃO fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. O que o nosso intelectual nordestino está dizendo é que, a escola é reflexo das relações sociais, não é uma instituição que está fora da sociedade.

Olhando a nossa sociedade em “Medo e Ousadia”, Paulo Freire compartilha com Shor (2011) algumas características da cultura brasileira. Para o nosso intelectual nordestino, há problemas estruturais em nossas comunidades, pelos quais o racismo e o machismo estão presentes, conforme citação:

A sociedade brasileira é uma sociedade muito autoritária. Tem sido assim durante muito tempo. O racismo é muito forte no Brasil. Dizer que não temos racismo no Brasil ou é ingenuidade, ou esperteza, mas não é realismo. Somos uma sociedade fortemente *machista* e não *marxista*. Para mim, racismo e machismo são expressões de autoritarismo também (FREIRE e SHOR, 2011, p. 271).

Observando nessa perspectiva, os preconceitos sociais como esses citados por Freire para Shor (2011) são causas dos preconceitos que se proliferam na escola. É o que as estatísticas demonstradas nesse tópico comprovam. Contudo, continuamos a destacar que, as formas de preconceito que existem na escola não são, *grosso modo*, originados por ela. Eles são originados pela sociedade.

Já em “Pedagogia do oprimido”, Freire (2011) observa um quadro que reflete a tensão entre a humanização e a desumanização presentes na vida pública. Nosso autor entende que a manutenção de uma ordem social desumanizante cria condições para a miséria humana, conforme citação: “A ‘ordem’ social injusta é a fonte geradora, permanente, desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria” (FREIRE, 2011, p. 42). Como consequência, a ordem social injusta não é natural, situação na qual as pessoas têm que se acomodar. O esforço de Freire (2011) é o de afastar os fatalismos que impedem a ação transformadora do ser humano no mundo.

A condição de opressão é criação humana e existe para manter o *status quo* de grupos privilegiados. Conforme Freire (2011, p. 51): “Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos”. São nessas relações sociais que surgem os primeiros traços do preconceito. No caso dos opressores, o preconceito se estabelece na medida em que estes detêm uma visão reificada e fechada dos oprimidos, instaurando uma cultura de desumanização. Os oprimidos não são vistos como seres humanos, pessoas, mas como objetos, massa de manobra que sustenta a condição de marginalização.

No caso dos oprimidos, o preconceito se estabelece em pelo menos duas frentes. Na primeira, os oprimidos criam preconceitos sobre a conjuntura na qual eles estão

inseridos, ao acreditar que a situação de opressão na qual vivem, é uma realidade imutável. Eles não conseguem enxergar outro tipo de vivência fora dela. Os oprimidos “hospedam” o opressor dentro de si mesmos. Na segunda, os oprimidos fabricam preconceitos neles mesmos quando “hospedam” o opressor dentro de si mesmos. Identificam-se com eles, querem até ser opressores, negando a sua real condição. Para Freire (2011, p. 43): “Enquanto vivem a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo”.

Se não existe educação isolada da sociedade, aquela também vai reproduzir os preconceitos presentes nesta. As atitudes sádicas frutos do mandonismo do opressor se proliferam na sociedade e se ramificam na educação. É o que Freire (2011) chama de “consciência necrófila”. A educação vai absorver e conservar esse tipo de desumanização presente na sociedade, em que só um grupo é sujeito, e o outro, a imensa maioria, é objeto, e está à disposição dos opressores, donos dos bens, inclusive dos oprimidos, conforme citação:

Daí que tendam a transformar tudo que os cerca em objetos de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando (FREIRE, 2011, p. 63).

Para Freire (2011), as causas do preconceito são sociais em sua grande maioria, sem dúvida. Em relação à educação e escola, o preconceito causou o afastamento e a ojeriza de muitos pobres para com as instituições de ensino. Uma das causas pelas quais o nosso intelectual nordestino encorajou a educação popular, foi devido ao preconceito e exclusão que muitos pobres sofreram nas instituições de ensino, conforme citação:

As pessoas que se apaixonavam pelo trabalho da educação junto a grupos populares perceberam que havia muita e muita gente excluída. O nome que se usava dar isso era: evasão escolar. Era o nome para as pessoas excluídas da escola (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 59).

A escola fugia de suas responsabilidades de educar para humanizar. Ela, como reprodutora da ideologia do opressor, mantinha em seus domínios as relações de mandonismo e de divisão dentro da comunidade escolar. Para aqueles a quem eram vitimados pelo preconceito, restavam sair daquele lugar, já que lhe eram retirados a sua dignidade como sujeitos.

A responsabilidade pelo fracasso não poderia recair a não ser nos alunos-problema, naqueles que “não querem nada com a vida”. Desumanizados na sociedade preconceituosa, essas alunas e alunos também tinham o seu “calvário” dentro das instituições de ensino. A quem recorrer? Para determinadas situações, sair desse tipo de

escola era um alívio. Para a escola, os casos eram naturalmente rotulados de “evasão escolar”, conforme citação:

Partia da escola, esse nome: dizia uma porção de carências para as pessoas que estavam excluídas da escola (do estado ou particular). A própria escola (que expulsava) arranjava os nomes para batizar os expulsos: menor carente. Ou, então: criança problema (FREIRE e NOGUEIRA, 2005, p. 59).

Esses adjetivos preconceituosos enfatizavam a medíocre pedagogia do: “pau que nasce torto morre torto”. Quem vai dar jeito na “criança problema”, no “menor carente”? Para um tipo de pedagogia como essa, não há saída para aquelas e aqueles que são vitimados por adjetivações preconceituosas. Não há chance para a mudança nesse tipo miúdo de pedagogia. A desumanização parte de quem detém o poder, quem enxerga o outro com desprezo e incapacidade congênita.

Podemos elaborar uma analogia, baseados em Freire (2011), entre a “evasão escolar” como efeito de uma concepção “bancária” da educação, temática rica na concepção pedagógica de Freire (2011). A educação bancária reproduz a ideologia de uma sociedade dividida entre opressores e oprimidos. Por isso, ela é instrumento de opressão e de desumanização, conforme citação:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 2011, p. 81).

Quem sabe, de fato? Quem sabe o que e para que? Rotular alguém ou grupo de ignorantes é uma das formas mais disfarçadas do preconceito. Esconde formas sorrateiras de poder e domínio de uns sobre outros, pois quem fala exerce uma autoridade cega para quem escuta. É o que Paulo Freire vivenciou quando ele era professor de português em escolas de ensino grau, como ele compartilha com Shor (2011). Os alunos reconheciam que, por meio das aulas de Paulo Freire, sentiam mais liberdade de aprender, sentiam que não eram tomados por uma absoluta ignorância como lhes era imposto, conforme citação: “No plano individual, alguns alunos estavam sofrendo um autobloqueio, devido a uma restrição externa que vinha de outros professores que lhes diziam que não eram capazes de aprender” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 52).

A consequência de posturas como essa está relacionada àquilo que Cortella (2011) menciona como “pedagocídio”, ou o fracasso escolar. O pedagocídio é fruto de concepções distorcidas que envolvem as relações entre sociedade e escola. Por exemplo,

Cortella (2011) apresenta três concepções distintas: duas negativas e, uma outra, apropriada. A primeira relação entre sociedade e escola é denominada por Cortella (2011) de “otimismo ingênuo”, conforme citação: “O *otimismo ingênuo* atribui à Escola uma missão salvífica, ou seja, ela teria um caráter messiânico; nessa concepção, o educador se assemelharia a um sacerdote, teria uma tarefa quase religiosa [...]” (CORTELLA, 2011, p. 110).

O problema dessa concepção é que sobrevaloriza o papel da escola atribuindo-lhe uma “autonomia absoluta” em relação à sociedade, que ela não tem. Ela não pode, por si só: “[...] extinguir a pobreza e a miséria que não foram por ela originalmente criadas” (CORTELLA, 2011, p. 110-111). Trata-se de uma visão romântica da escola – Templo, remédio, neutra – cujo resultado real é a manutenção do preconceito e das desigualdades sociais. O fracasso escolar – evasão, repetência – se intensifica com uma visão ingênua da escola como “progresso da nação”.

A segunda relação destacada por Cortella (2011) diz respeito ao “pessimismo ingênuo”. Nessa concepção, radicalmente oposta à outra, a escola deve ser descartada pois ela é mera “reprodutora da desigualdade social” (CORTELLA, 2011, p. 112). Sendo absolutamente determinada pelas forças sociais hegemônicas, a escola não teria nenhuma resistência contra elas. Situações como opressão e preconceito causadas pela sociedade eram simplesmente transplantadas para a escola, sem que a comunidade escolar pudesse fazer nada para combatê-los.

Desse modo, o educador seria: “[...] veículo de injustiça social, ficaria com a missão de adequar as pessoas ao modelo institucionalmente colocado” (CORTELLA, 2011, p. 113). Além de não haver meios para se combater o preconceito, a discriminação e a desigualdade social, o “pedagocídio” seria também naturalizado, já que não se pode fazer nada para evitar o fracasso escolar, dado que a escola não tem nenhuma força de autonomia.

A última relação entre sociedade e escola destacada por Cortella (2011) diz respeito ao “otimismo crítico”. De acordo com essa visão, não existem determinações absolutas entre escola e sociedade, pois cada uma detém uma “autonomia relativa” entre uma e outra. Para Cortella (2011, p. 114):

A Escola pode, sim, servir para reproduzir as injustiças mas, concomitantemente, é também capaz de funcionar como instrumento para mudanças; as elites a utilizam para garantir seu poder mas, por não ser asséptica, ela também serve para enfrentá-las.

Nesse aspecto, situações desumanizadoras envolvendo o preconceito e as desigualdades sociais não são, de um lado, escondidas ante uma visão romântica da escola como “salvadora da nação”, nem de outro, acomodadas ao contexto escolar por este ser um mero instrumento social de dominação e opressão. A Escola pode sim, reproduzir o preconceito, mas pode também criar mecanismos internos de resistência e combate para com essas práticas, por meio do diálogo e da resistência dos seus próprios membros.

Nesse tópico, vimos as causas do preconceito no ensino-aprendizagem, bem como na escola enquanto instituição. Como foi destacado, não é a escola que, *grosso modo*, é causa dele. O que queremos dizer é que, nada impede que no ambiente sejam gerados determinados tipos de preconceito. Contudo, queremos salientar, baseados em Freire (2011) e Cortella (2011), a predominância da sociedade nessas causas, tendo em vista que a escola, como instituição, é parte dela, conforme diálogo entre Freire e Shor (2011, p. 113): “Vistos em conjunto, a sociedade e seus subsistemas, como a educação, são autoritários”. Assim, o ensino-aprendizagem ultrapassa os muros da escola, e o combate ao preconceito tanto pode vir da escola, como pode vir da sociedade. Em nosso último tópico, vamos discutir práticas de superação do preconceito no ensino-aprendizagem, conforme Paulo Freire e Ira Shor (2011).

2.3.3 Superando os preconceitos e a opressão: as experiências de Paulo Freire e Ira Shor

Como estamos analisando, Paulo Freire (2011) não se ocupou de conceituar o preconceito. Ele o experienciou em sua vida ativa na educação, na sociedade. Em “Medo e Ousadia”, Freire e Shor (2011) também compartilham variadas experiências de superação de preconceitos em situações de opressão. Por exemplo, retomando a discussão no primeiro tópico desse trabalho: quando A, maldosamente se aproxima de B para falar mal de C, sabendo A, que B e C são amigos. Naquela ocasião, B acredita em A e, portanto, se afasta de C. O preconceito se proliferou. Em contraste, vejamos o exemplo que Freire compartilha com Shor (2011), em “Medo e ousadia”.

O fato foi narrado, segundo ele, em 1980 na periferia de São Paulo quando Freire voltava do exílio. Na ocasião, ele estava em uma reunião das Comunidades Eclesiais de Base, importante movimento católico de resistência popular, quando ouviu

um relato de um trabalhador negro: “alto, forte, bonito” nas palavras de Freire (2011, p. 109). Conforme o relato desse trabalhador:

“Alguns anos atrás, aprendi a ler e escrever através das propostas desse homem aqui”, e estendeu a mão, me apontando. Depois disse: “Mas, à medida que comecei a ler, a escrever as palavras, simultaneamente com a compreensão melhor de como funcionava a sociedade brasileira, fiquei fortemente motivado a fazer a mesma coisa com os outros trabalhadores que tampouco podiam ler. Então me tornei um professor de alfabetização”.

A narrativa se inicia acentuando gratidão e espírito de solidariedade advindo desse “trabalhador negro no Brasil”. Ele é grato a Paulo Freire por este ter aberto espaço de aprendizagem por meio da alfabetização de adultos para trabalhadores como ele. Mas, a gratidão dá existência ao espírito de solidariedade por parte desse trabalhador, na medida em que ele também quer compartilhar com outros do benefício que recebeu. Paulo Freire ressalta o espírito de retribuição desse trabalhador, já que ele quis ser um educador popular, conforme citação: “Comecei a ensinar algumas outras pessoas, a fazer com elas o que os outros professores fizeram comigo” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 109).

Isso chama-se de rede de solidariedade. O desejo de ver a concretização de ideais humanitários é repassado entre os agentes que dele compartilham. Contudo, numa sociedade desigual, marcada pela divisão entre opressores e oprimidos e pela ganância de uma minoria sobre uma maioria, aqueles que apregoam ideais como liberdade, igualdade e formação humana por meio do diálogo e do respeito, representam uma ameaça para o *status quo*.

O intento em concretizar esses ideais por meio de uma alfabetização humanizada levou esse trabalhador a contestar os desmandos do regime e a violência contra a classe trabalhadora. Não tardou para que a vigilância o achasse e o levasse para a delegacia. Ao encontrá-lo, o delegado se dirigiu a ele com as seguintes palavras: “Olhe, tenho algumas informações sobre você. Dizem por aí que você é um homem bom, não é um homem mau. O seu comportamento é bom” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 109). Doce retórica, mas que escondia o veneno da maldade. E ela não tardou a aparecer, conforme citação:

Mas eles dizem que você foi influenciado por um homem mau, um mau brasileiro, o chamado Paulo Freire, e agora você anda ensinando as pessoas conforme as ideias desse *maubrasileiro*. Eu te trouxe aqui para te dizer que esta é a primeira vez, o primeiro aviso, e por isso vou deixar você voltar; mas, por favor, pare de ensinar as pessoas com as ideias desse mau brasileiro (FREIRE e SHOR, 2011, p. 109-110).

O preconceito, no qual – lembrando a citação de Voltaire (1978, p. 268) “[...] é uma opinião desprovida de julgamento” – foi semeado. Contudo, nesse caso, não se trata apenas de uma simples opinião divulgada sem o devido julgamento. Trata-se de alguém, um delegado e todo o poderio que ele tem à sua disposição, difamando um educador sem o mínimo direito de defesa da parte deste. Em outras palavras, é A (delegado) que se aproxima de B (o trabalhador) para difamar C (Paulo Freire), sabendo A, que B é admirador de C. Qual foi a consequência disso?

Sob pressão, esse trabalhador que também era pai de família, tinha poucas opções diante do aparato repressivo que se lhe impunha. Força repressiva e preconceito estavam unidos. A saída mais óbvia era a de dar crédito à difamação. Contudo, não foi essa a atitude do trabalhador, conforme citação:

No momento e que o delegado terminou de falar, tive a tentação de me sentir feliz, pois estava sendo solto. E quase reneguei o uso de Paulo Freire. E voltei para casa me sentindo feliz, porque estava livre, e gritava: Estou livre! Estou livre! Abracei as crianças e beijei minha mulher, e passei três dias sem dar aula. No quarto dia, disse a mim mesmo: Não, é impossível, tenho que continuar ensinando (FREIRE e SHOR, 2011, p. 110).

Obstinadamente, o trabalhador não acreditou nas palavras difamatórias do delegado, mesmo este tendo consigo todo o aparato repressivo. A convicção desse “trabalhador negro” e o respeito a Paulo Freire superaram todo e qualquer tipo de preconceito. Tendo sido chamado de novo à delegacia por causa de sua militância, o trabalhador desta vez acabou preso. Mas, ele já estava “vacinado” contra o preconceito e a difamação.

Tendo sido liberado, continuou seu trabalho e, por isso, foi chamado à delegacia uma terceira vez. Mesmo assim, o trabalhador não desistiu de seu trabalho. O delegado cansou de mentir, e viu que mentiras não eram suficientes para convencer o trabalhador. Como fica o ensino-aprendizagem nisso tudo? O próprio Paulo Freire em diálogo com Ira Shor (2011, p. 110) afirma que: “Não posso esquecer a fala deste homem, seu depoimento. Sempre penso nele como um de *meus* melhores educadores, um de *meus* melhores professores”. Essa narrativa nos mostra como podemos superar a difamação preconceituosa em favor das nossas convicções mais profundas. O trabalhador ensinou a Paulo Freire, e todos nós, leitores, podemos também aprender com aquele.

Como resultado, A (delegado) se aproximou de B (trabalhador) para difamar C (Paulo Freire). Porém, B não acreditou em A, e, assim, suas crenças permaneceram fieis ao amigo e educador Paulo Freire. O preconceito foi desenraizado e eliminado. A tentativa de manipulação não surtiu efeito. Por outro lado, essa narrativa nos ensina que

não é preciso ser um intelectual para superar o preconceito usando aspectos meramente cognitivos ou técnico-científicos. Nem sempre o caráter justo se constitui por meio de leitura de livros ou com aplicações do método científico e filosófico.

No âmbito da educação formal a superação de preconceitos é compartilhada de Shor (2011) para Freire, quando aquele relembrou suas experiências vividas junto a instituições de ensino nos Estados Unidos. O contexto era delimitado à pós-graduação em meio a estudantes de baixa renda. O desafio se impôs a Shor (2011) dado o preconceito que muitos educadores tinham para com esses estudantes pobres advindos de baixa classe social nos arredores de Nova York, conforme citação:

Apesar de pedagogicamente estar confuso quanto a métodos, tinha alguma *visão* política sobre poder e classe diante dos estudantes do “livre ingresso”, os primeiros em suas famílias a frequentar uma faculdade, os quais, até então, detestavam a escola, dada a sua educação desativadora da capacidade criativa, cercados por uma cultura de massa incapacitadora. Comecei a estudar sua linguagem e sua realidade junto com eles, para descobrir o que estava bloqueando o estudo crítico (FREIRE e SHOR, 2011, p. 43).

Os indícios apontam que esses estudantes eram tratados com preconceito por serem parte de uma classe subalterna, desassistida do ponto de vista de uma educação institucionalizada e que, por isso, chegavam às universidades por meio do “livre ingresso”. Para explicar a condição estudantil de “livre ingresso”, Shor (2011) menciona que: “O protesto dos estudantes forçou a universidade a adotar o ‘livre ingresso’ cinco anos antes do previsto e a permitir o acesso dos estudantes que não eram de elite aos cursos das melhores faculdades” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 43).

Shor (2011) relata que o desafio assumido por ele e pelo grupo dos demais professores foi caracterizado pelo espírito de equipe e de apoio mútuo. O resultado é que esses profissionais tinham verdadeira paixão pelo ensinar-aprender dado que eles optaram por desenvolver esse trabalho em meio aos estudantes advindo de classes pobres.

A excelente formação adquirida na Universidade de Wisconsin não o afastou dos seus ideais sociais, daí que, Shor (2011) não tinha preconceito em trabalhar com esses estudantes de baixa renda. Para ele, trabalhar com esses estudantes era uma oportunidade para aprender, oportunidade que lhe era aberta, conforme citação: “Eles falavam a linguagem da cultura de massa. Ambos os idiomas eram produtos de uma sociedade dividida segundo raça, sexo, e classe social” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 45).

Portanto, Shor (2011) era doutor, mas não tratava os alunos daquelas localidades com arrogância e preconceito devido a sua titulação. E por eles serem pobres, Shor

(2011) não era preconceituoso devido a sua condição social, não os menosprezava. Procurava incluí-los no ambiente do ensino-aprendizagem de forma acolhedora, aberta, dialógica e democrática: “Essa democratização da expressão estabeleceu uma atmosfera comum que encorajava os estudantes a falarem abertamente, sem temer o ridículo ou o castigo de serem ‘burros’” (FREIRE e SHOR, 2011, p. 45).

Situação que é praticamente impossível onde imperam os preconceitos. Como um educador pode desenvolver algum trabalho realmente educativo se, *a priori*, ele considera os estudantes como “um bando de analfabetos”? Reduzido à uma tosca e preconceituosa visão sobre o ensino-aprendizagem, o fracasso escolar é iminente, daí a evasão, o abandono e a repetência. Shor (2011) compartilha com Freire uma mensagem cativante. Não apenas os estudantes eram respeitados em sua condição de carência, mas também Shor (2011) via uma oportunidade de aprender mais com eles, de ensinar, de conviver, conforme citação:

Assim, tudo somado, talvez tenha percebido que os professores eram uma janela e um caminho para os alunos, para que vissem suas próprias condições e vislumbrassem um destino diferente. O rosto e a fala do professor podem confirmar a dominação, ou refletir possibilidades de realização (FREIRE e SHOR, 2011, p. 46).

Nesse último tópico do nosso trabalho vimos duas formas de superação de preconceitos, por intermédio das experiências de Paulo Freire e Ira Shor (2011) narrados na obra: “Medo e Ousadia”. No primeiro exemplo no qual foi narrado por Freire para Shor (2011), vimos a história do “trabalhador negro” assediado por um delegado. Aquele trabalhador não se deixou levar por ameaças e mentiras preconceituosas propagadas pelo delegado contra Paulo Freire. O trabalhador rompeu com o paradigma apresentado no primeiro tópico, já que: A (o delegado) se aproximou de B (o trabalhador) para difamar C (Paulo Freire), sabendo que B era admirador de C. Porém, B não acreditou em A e continuou admirador de C.

No segundo exemplo compartilhado por Shor (2011) para Freire, a perspectiva se volta para as instituições de ensino nas quais Shor (2011) realizava seu trabalho. Sua opção foi em trabalhar em universidades cujo público era advindo de classes oprimidas, portanto, vítimas de preconceito do pedantismo da academia. Vimos o quanto Shor (2011) se identificava com seus colegas nos quais tinham os mesmos objetivos, ou seja, acreditavam numa educação humanizadora.

Por outro lado, Shor (2011), além de não permitir que títulos acadêmicos o afastassem daqueles estudantes coibindo assim o preconceito acadêmico, ele também

reconheceu que a convivência com aqueles estudantes era uma oportunidade para ele aprender, ensinar, enfim, redescobrir o mundo quebrando preconceitos e opressões.

3 CONCLUSÃO

Esse trabalho teve como resultado a ideia segundo a qual o preconceito, quando disseminado e absorvido, cega nossa visão sobre o mundo e sobre os outros. Partindo de uma concepção ampla de ensino-aprendizagem, percebemos como os preconceitos podem se enraizar em nosso dia a dia, chegando até em instituições de ensino como escolas e universidades. O problema é que quando as relações humanas são conduzidas pelo preconceito: aquilo que é tratado como diferenças – cor, sexo, ideologias, religião – se metamorfoseiam em separações, exclusões e ostracismos.

O resultado é desumano: disseminações de ódio, intrigas, violência (simbólica, ou não), constrangimentos, assassinatos. É assim que os preconceitos vão se disseminando na sociedade e se proliferam nas instituições de ensino, já que, como vimos, Cortella (2011) e o próprio Freire (2011) não dissociam a escola da sociedade e a sociedade da escola. Os remédios são vários, mas acreditamos que alguns são eficazes, como os advindos da educação libertadora e dialógica vivenciados por Paulo Freire e Ira Shor (2011), conforme citação:

A educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual *tanto* os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. Este é, para mim, o primeiro teste da educação libertadora: que tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer (FREIRE e SHOR, 2011, p. 62).

Contudo, a defesa de uma mudança de atitude daquele que a propõe, ou seja: a mudança do preconceito para uma atitude de respeito às diversidades, convivência e tolerância, depende de nossas convicções. Não adianta os educadores defenderem o respeito mútuo em público se suas práticas são preconceituosas. Vimos nos exemplos do trabalhador negro e o de Ira Shor, o quanto as convicções podem fazer a diferença no combate ao preconceito. O convencimento deve partir do educador, ele tem que estar convicto de sua missão, para a partir daí ele tentar convencer os outros, conforme citação:

Outro ponto é que a educação é um momento no qual você tenta convencer-se de alguma coisa, e tenta convencer os outros de alguma coisa. Por exemplo, se não estou convencido da necessidade de mudar o racismo, não serei um educador que convença alguém (FREIRE e SHOR, 2011, p. 62).

Na vida, não há como não aprender e ensinar. Podemos aprender e ensinar muitas coisas: na rua, nas escolas, universidades, praças. Podemos aprender e ensinar virtudes éticas e políticas que contribuem para a saúde do corpo social. Mas, também podemos disseminar o ódio, a violência e o preconceito. Podemos ser vítimas, podemos ser algozes. Mas, Paulo Freire (2011) nos ensina que podemos ser humanos, radicalmente humanos.

PAULO FREIRE: CRITIC OF DISCRIMINATION IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

ABSTRACT

The objective of this research paper is to examine, philosophically, the concept of discrimination within the teaching-learning process in the thought of Paulo Freire. To achieve this objective, the paper begins by exploring the concept of discrimination in the works of the great philosophers such as Voltaire (1978), using the *Dicionário Básico de Filosofia* (Japiassú and Marcondes, 2001) for support. Next, it seeks to understand the causes of discrimination in society, basing its analysis on the following works: *Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor (A Pedagogy for Liberation: Dialogues on Transforming Education)* (Freire and Shor, 2011), excerpts from *Pedagogy of the Oppressed* (2011), and *A Escola e o Conhecimento* (Cortella, 2008). Finally, this paper investigates the consequences of discrimination in the teaching-learning process, as well as ways to overcome this nefarious practice starting with the experiences of Freire and Shor (2011).

Keywords: Paulo Freire, discrimination, teaching-learning process

REFERÊNCIAS

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos.** 14^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 14^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 17^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 50^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

____. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer:** teoria e prática em educação popular. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

____. SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. **Várias Obras.** 2ª ed. *Coleção Os Pensadores.* Tradução de Bruno da Ponte e João Lopes Alves. São Paulo: Nova Cultural, 1978.